

O código da morte

Márcio Guerrero

Todos os direitos reservados.

Autor:
Márcio Guerrero.

Capa:
Samantha Nogueira.

Revisão Bibliográfica:
Gislaine Bueno Barbosa.

Sumário

Capítulo um.....	5
Capítulo dois.....	11
Capítulo três.....	18
Capítulo quatro.....	22
Capítulo cinco.....	27
Capítulo seis.....	34
Capítulo sete.....	38
Capítulo oito.....	44
Capítulo nove.....	51
Capítulo dez.....	61
Capítulo onze.....	72
Capítulo doze.....	83
Capítulo treze.....	90
Capítulo quatorze.....	94
Capítulo quinze.....	101
Capítulo dezesseis.....	115
Capítulo dezessete.....	125
Capítulo dezoito.....	133
Capítulo dezenove.....	142
Capítulo vinte.....	149

Capítulo vinte e um.....	154
Capítulo vinte e dois.....	165
Capítulo vinte e três.....	173
Capítulo vinte e quatro.....	182
Capítulo vinte e cinco.....	193
Capítulo vinte e seis.....	204
Capítulo vinte e sete.....	211
Capítulo vinte e oito.....	218
Capítulo vinte e nove.....	222
Capítulo trinta.....	230
Capítulo trinta e um.....	238
Capítulo trinta e dois.....	242
Capítulo trinta e três.....	245
Capítulo trinta e quatro.....	253
Capítulo trinta e cinco.....	258
Capítulo trinta e seis.....	267
Capítulo trinta e sete.....	275
Capítulo trinta e oito.....	278
Capítulo trinta e nove.....	285
Capítulo quarenta.....	299
Capítulo quarenta e um.....	306

Capítulo um

O jovem Nikolai Sidorov deitado alí num leito hospitalar piscou mecanicamente por repetidas vezes. Em decorrência irritante das moléculas imateriais, de trilhões de átomos dos fótons luminosos. Aquela luz fuzilava impiedosamente seus olhos claros, mais precisamente na cor azul acinzentado.

Suas vívidas pálpebras tilintaram-se, indecisas, entre a razão do medo e a devida persuasão, entre a sobrevivência e a morte fria.

Era difícil ter que acreditar que tinha uma doença crônica. Mortal. Mas ele precisava encontrar forças e aceitar que sofria de leucemia mieloide. E que desta forma, poderia até mesmo morrer ainda este ano.

Mas por que precisava passar por isso? Se ele tinha apenas vinte e quatro anos e era um herdeiro bilionário?

Durante toda a sua existência, sua magnífica vida fora moldada de supremacia e conforto, não que isso o forçasse a se comprometer a um egocentrismo.

Nick, como era muitas vezes chamado pelas pessoas mais íntimas, viu no decorrer de seus tempos de escola que seu chofer o transportava através dos bairros periféricos da cidade, o objetivo dele consistia em desviar do trânsito do centro da grande Moscou.

No decorrer desses trajetos, Niki, visualizava as pessoas dormindo em calçadas e sarjetas. Pessoas de condições menos favorecidas ou miseráveis, se assim preferir.

O triste fato é que estes sobreviventes da classe inferior podiam ser vistos como moribundos. Enrolados em cobertores velhos, adquiridos pelas ações de grupos humanitários. Evidentemente suas barrigas estavam vazias. Mas ele tinha lá sua casa com comida farta e também com taças que transbordavam das bebidas mais caras que o dinheiro podia comprar.

Nikolai era só um menino que entre muitos outros havia nascido em berço de diamante e dissimulava esse sentimento crítico, como uma amarga goma de mascar, mais precisamente como uma bolha de ácido crescente no interior de seu estômago.

Assim, quando Nikolai Sidorov alcançou a tão desejada maioridade, aderiu assiduamente até onde estava ao seu alcance para converter uma parte desse sofrimento. Por intermédio de uma amiga, a quem ele a amava pelos motivos certos. E que por coincidência tiveram no passado uma breve relação amorosa. Relação esta que possui um aspecto aparentemente mais afetivo do que um desejo de perspicácia carnal.

No entanto, essa garota chamada de Dasha era membro de uma ONG que arrecadava recursos financeiros em prol dos moradores de rua. Inclusive, Nikolai a ajudava com uma parte da mesada que recebia de seu pai.

Homem esse que era astuto e muito poderoso no mundo dos negócios. Passava semanas viajando por entre os continentes. Ele era o presidente da corporação GEAS, a qual representava um monopólio muito importante no ramo de extração e exportação. Empresa muito importante no ramo de vendas, além disso, a corporação pouco se importava com quais eram as atividades aplicadas, fossem elas alimentícia ou de tecnologia aplicada. Até mesmo no mercado Agro internacional.

Não obstante a influencia da politica ocidental. A corporação englobava em vários países subdesenvolvidos, a partir da busca por demandas de vendas. Onde tudo o que se compra ou se vende, e produz se torna um viés lucrativo na cadeia do sistema de expansão monetário. Entretanto se sabe que as empresas mais otimistas investem na área alimentícia, tudo porque as pessoas nunca param de comer. Como a Nigéria, por exemplo, já possui uma das maiores densidades demográficas do planeta embora tenha uma área nove vezes inferior à do Brasil, Ainda assim ali se abriga uma população de proporção igualada. Contudo, não é só a Nigéria que ostenta e carrega este fardo, temos ainda Bangladesh e a Índia.

Recentemente a GEAS havia incorporado uma quase falida indústria farmacêutica, para fins de interesse financeiro, afinal os governos nos países menos favorecidos pagam um valor

monetário muito elevado por vacinas, ainda mais com esse advento da desastrosa Corona Vírus.

A GEAS descobrira recentemente um laboratório alemão, na qual a diretoria financeira tinha uma ideia de cura, mas não tinha fundos para o desenvolvimento da pesquisa. Quando a grande Gourmet Express Anonymous Societyn (GEAS) tomou à dianteira da pesquisa é que a coisa prosperou e logo testaram a LC01, vacina essa que mais tarde veio a ter repercussão mundial.

E foi aí que Miloslav Sidorov pensou:

“Encontramos a sorte grande!”

No ano posterior o laboratório contratou os bioquímicos mais renomados do mundo. Entre eles a doutora Nastassja Goncharov, que vivia em Born na Alemanha, pós-graduada em oncologia e uma pequena prévia em patologia.

Agora o jovem Sidorov estava olhando para aqueles brilhantes olhos azuis. Polidos. Pensou já ter visto um par de olhos semelhantes, coisa de uma semana antes. E isto fora em Londres.

A ocasião a qual Niki se deparara com os olhos semelhantes, fora em um momento em que se deslocava do seu apartamento para ir à faculdade juntamente com mais três amigos. Como todos eles tinham carros e também eram muito apegados uns aos outros cada dia um deles era o motorista da rodada. Na verdade essa era mais uma estratégia para vencer o trânsito. Nesse dia em questão era a vez de Paul Smith.

E foi nesse dia então que Niki se deparara com aquela mulher de véu, toda coberta de tecido

de malha estampada, parada à frente do carro, ela batia com os dedos no para-brisa.

Paul desceu o vidro pela metade e a mulher acenou com o dedo indicador para Nikolai.

— Eu? — Ele levou as mãos em flechas para o seu tórax.

Ela andou até a porta de trás e ele abaixou o vidro por inteiro. Estava tirando a carteira do bolso para oferecer-lhe dinheiro, quando ela acenou em um gesto de legítima recusa. Seus olhos eram malévolos.

— Nikolai desejo simplesmente ler a sua mão! — Disse ela.

Nikolai apenas sorria.

— Mas para quê? Como sabe meu nome?

— Não posso definir como, mas preciso te proteger.

— Me proteger do que?

— Da morte! Você está com leucemia e irá morrer ainda este ano.

Nikolai sacudiu sarcasticamente a cabeça. Mas fez o que ela estava pedindo. E os olhos os quais tinha perscrutado a sua áurea um minuto antes, agora se fechara. Enquanto uma boca ocultada sob a máscara do véu proferia palavras místicas, cujos significados da expressão eram impronunciáveis ou ininteligíveis. Niki mudara a postura. Estava tenso. Os olhos voltaram a abrir e desta vez eram malévolos, insanos. Olhos da morte.

— Você está doente e vai morrer. Sinto muito. Sinto muito. — Ela continuava falando,

contudo Paul já estava com o pé fundo no acelerador.

— Vamos embora! Não temos que ficar ouvindo uma velha delinquente gorar a sua saúde. Entretanto, Nikolai tinha um ar de inquietação.

Uma hora e trinta minutos mais tarde, durante a aula de artes ele se sentira bastante mal, suas narinas voltaram a sangrar pela quarta vez em cinco semanas.

Capítulo dois

A doutora Nastassja Goncharov desviou o feixe de luz e debruçou mais sobre seu corpo, não dava para sentir somente o perfume dela, mas também um seio farto se comprimindo contra sua cabeça. Acidentalmente, é claro.

Ela arqueou o corpo para palpar a região do abdômen dele.

— Dói? A voz era polida, porém o tom era angelical.

Dói desastrosamente às vezes. Especialmente nas juntas.

— Onde dói com mais frequência?

— Cotovelos, joelhos e virilha.

Ela preparou uma ampola de Tramadol.

— Vou aplicar isso em sua veia e você ficará livre da dor e quando ela persistir em voltar você deverá tomar deste mesmo medicamento em cápsulas a cada oito horas.

— E o que a gente precisa fazer quando a leucemia se encontra avançada?

— Medicamentos e repouso. Mas a primeira quimioterapia já foi marcada para semana que vem, e vou me responsabilizar pessoalmente por tudo!

Ele a encarou, estudando seu perfil:

— Você?

— Sim. Por acaso se sente inseguro por eu ser mulher?

— Não me refiro ao seu gênero, mas é que

você parece tão... Tão jovem que...

— Tenho trinta e um anos e já salvei muitos pacientes em situações bem mais graves.

— Tudo bem!

Eles caminharam por um longo corredor do hospital em meio a um trânsito de macas e pessoas com uniformes hospitalares. Aparentemente alvoroçados.

— Seu pai me pediu que deixasse Born para me dedicar a você em tempo integral.

— Quer dizer que vamos ter que ficar o tempo todo juntos?

— Sim, qual o problema? Quer saber mais? Miloslav me pediu para vigiá-lo, para que você não faça uso de vodca ou cerveja. Está bom assim?

— Se for só isso. Concordou ele dando de ombros.

Havia muito mais coisas que Miloslav mencionara, mas que eram coisas que ela não poderia dizer. Porque o herdeiro do bilionário não deveria saber.

— Para onde vamos agora? — Perguntou Nikolai.

— Para a sua casa, eu vou dormir num quatinho ao lado do seu, caso você sinta agonias durante a noite... Poderá chamar por mim...

Aos trinta e um anos ela galgava de uma autonomia segura e eficaz. Estava prestes a se unir em um relacionamento O qual diziam formal com Herbert Weber. Ser um articulador no governo alemão. Seu trabalho era de contabilizar custos de todos os dados de marketing e informações, ou

seja, o homem que controlava a máquina de dados.

Weber conhecera Nastassja numa balada. O som que predominava no ambiente era agudo, a música soava em um tamanho desconforto quase que os confundida e o executivo do governo alemão sugeriu que eles se distanciassem do barulho. Assim que se viram numa plataforma física de oportunidade livre. O cavalheiro se apresentou:

— Sou Herbert, e eu agradeço aos deuses por terem guiado você. Ela sacudiu ligeiramente a cabeça e ascendeu um cigarro verde-escuro de menta.

— Sou a doutora Nastassja Goncharov. Porque continua tão tenso? Percebi tudo quando você olhou direto para os meus olhos.

— É a primeira vez que venho aqui e para ser franco não gostei da música. O funk para mim é nauseante, não sei quanto a você?

— Tanto faz desde que eu esteja no meu clima. Disse ela dispersando a fumaça. — O que você faz? Perguntou em seguida.

— Trabalho em um departamento do governo alemão, mais precisamente no mistério federal da família.

— Humm! Quê chique! — E qual é sua função?

— Pesquisas relacionadas a questões socioeconômicas. O mundo tem se complicado drasticamente na medida dos distanciamentos éticos, coisas de política social. Sou ministro. Nada mais que um agente ou um subsecretário.

O papo estava ficando interessante e ela

sugeriu que eles fossem para qualquer outro lugar onde pudesse ser mais conveniente para a ocasião.

— Então vamos. Disse ele.

— Só um instante, vou a pagar minha conta.

—Não. Não. Deixe que eu faça isso. Insistiu ele.

Dezoito minutos depois um bartender trazia duas taças de *Perrier*. Eles estavam na pizzaria Cola-Dor. Na wesseistrabe. O som ali era um fundo de natureza solúvel e agradável.

Então. Começou ele.

— Eu nasci na Alemanha Oriental, nós éramos quatro irmãos e meu pai sendo um fanático militar comunista, nos influenciou a entrar para o exército, porém eu já estava cansado de ouvir falar em guerras. E a URSS tinha uma guerra exaustiva travada contra as forças rebeldes do Afeganistão. Que eram conhecidas como *mujahidin*. Mas quando o muro foi finalmente derrubado, me dei conta de que não tinha nascido para uma carreira militar. Ingressei na área diplomática. Foi o melhor que pude fazer por mim. — Deu um risinho seco enquanto fispava uma garfada da pizza que o garçom tinha acabado de servir.

— Fale um pouco mais sobre você, o que faz da vida?

— Sou uma médica patologista e também oncologista. Iniciei minha carreira na medicina apostando em salvar vidas. Um dia o laboratório de pesquisas em que eu trabalhava, o Pró-gene, desmoronou e sua diretoria começou a passar por uma crise financeira, todos nós íamos parar nas

ruas se não fosse o senhor Sidorov.

— Já ouvi falar dele. — Comentou Weber. — Parece que ele comprou esse laboratório no auge da pandemia e até uma vacina foi criada.

— Sim! - Confirmou a doutora Goncharov. — A LC01, ela foi fundamental no tratamento da Covid-19. Mas estamos trabalhando na cura das doenças imunológicas crônicas e transmissíveis, não posso deixar de admitir que isso seja demasiadamente cansativo. Por essa razão eu procuro de vez em quando frequentar lugares onde talvez a música torne a vida menos ordinária. Ela fez uma pausa e sorriu contrafeita.

— Algum relacionamento sério? Perguntou Herbert.

— Não especificamente.

— Quantos anos têm?

— Trinta, e você?

— Quarenta e dois.

— É casado?

— Agora não sou, mas já fui uma vez, por cinco anos.

— Filhos?

— Uma garota de sete anos.

— Então isso foi recente? Quero dizer o divórcio?

— Sim. Mas estou ciente que tudo tenha acabado por definitivo.

Nastassja bebeu do champanhe com senso de classe e bocejou levemente. Quando finalmente falou, sua voz soou lentamente, transmitindo seu sono.

— Então vou-me embora. Foi bom ter te conhecido, mas sei que alguém aqui precisa dormir.

Tudo bem! E quando posso te ver de novo?

Nastassja pegou um cartão na bolsa.

— Tome aqui o meu número, quando quiser me ligue ou mande uma mensagem no Whats.

— Obrigado e boa noite. — A moça sorriu e caminhou até um Opel sedan cinza escuro.

O distinto cavalheiro ficou parado por um bom tempo olhando seu jeito clássico de andar. Depois pegou o celular e digitou uma mensagem no Whats para um número.

— *“Ivanov aqui é Herbert Weber, seguinte, acabo de falar com ela, vou tentar segui-la sem ser visto”.*

Houve um bip no aparelho em sinal de retorno.

— *“Pegou o número do celular dela”?*

— *“Sim”.*

— *“Volte a falar somente quando conseguir deitar-se na cama dela entendeu”?*

— *“Sim”.*

Depois daquela noite, os dois se encontraram com mais frequência, no final, acabaram se tornando mais íntimos.

Por achá-lo de comportamento misterioso Nastassja Goncharov procurou por ele nas redes sociais, para saber se estaria lidando com um ser humano normal e de progressão normal. Mas havia sido como buscar por uma agulha no palheiro.

Herbert Weber saiu repentinamente do país

por dias. Sob as desculpas de doenças ou estratégias peculiares.

Entretanto, Nastassja cada vez mais sentia a falta física dele. Ela o amava. Tinha certeza. Ela tinha provado de um veneno letal e contagioso, de alguma árvore incomum, que contaminara o núcleo inconfundível de sua alma. A bela doutora Goncharov não sabia na verdade como encontrar uma saída, ou uma cura. Weber parecia saber tudo que se passava no seu cotidiano, e sabia tanto. Especialmente de tudo que de ela mais apreciava de bom na vida. Champanhe, vinhos finos, ambientes de familiaridade suave.

E por que se sentia tão confortável ao lado dele? E se ela gostava de estar com ele, era porque o veneno provado tinha sido mesmo letal. E afetara também a sua alma.

Na primeira vez em que passaram a noite juntos, ao acordar com os olhos pestanejantes ele havia perguntado: - Como foi? Gostou? Tem que dizer que gostou com glamour na voz para poder se repetir de novo.

— Sim, amei muito. — Dissera ela. — Depois de passar uma semana Herbert Weber pedia-a em casamento.

Capítulo três

Nesse meio tempo em que Nastassja Goncharov era promovida ao cargo da superintendência. Pela primeira vez conheceria o dono da New Pró-Gene.

O magnata era um grisalho, de rosto polido, assim como a própria voz. De poucas palavras, no entanto com um olhar cético, perspicaz, insolente. Como se expressasse a gama do autoritarismo.

— Seja bem vida doutora N. Goncharov. Soube da sua enorme colaboração na criação da LC01. As palavras que eu tenho a dizer é que a partir de hoje se encarregará de ler todos os relatórios de pesquisas antes de passá-los a mim e que seja meu braço direito em tudo que for de decisões urgentes. — Ele levantara da cadeira giratória e estendera a mão: — Boa sorte doutora!

— Obrigada. — Dissera Nastassja.

Ela poderia até estar se sentindo feliz por alguma razão complementar da evolução de si mesma. Mas nos meses seguintes suas viagens e seus compromissos aumentaram e por conta disso a relação com Weber começou a se complicar. Algo que neste momento ela não conseguiria entender. Ainda que ela o amasse, não poderia abrir mão dessa oportunidade única que tinha caído dos céus. E nesse meio tempo as mensagens do cavalheiro transbordavam a memória do seu celular.

Mas o pior veio em seguida, quando o Dr.

Miloslau a convidou para um jantar a dois. Dizendo que gostaria de conversar sobre algo de extrema importância e que precisava ser num ambiente de muita segurança, longe de quaisquer supostos ouvidos.

E lá estava ele, muito elegante, usando um terno de vinte e cinco mil dólares.

Desta vez, ele sorriu quando puxou a cadeira para ela.

— Obrigado por ter vindo doutora Goncharov.

— A jovem euroasiática sorriu parcialmente embaraçada.

— Bem. —Começou ele. — Mais uma vez eu agradeço a sua participação na criação da vacina contra a Covid. Você foi fantástica! — Neste momento ele olhou para a mão dela.

— Oh! Vejo que está usando um anel de noivado.

— Sim. _Respondeu ela.

— Quem é o cara de sorte?

— Herbert Weber, ele trabalha num departamento do governo alemão ligado a OMS.

— Muito bom, mas suponho que mesmo estando noiva ainda não tenha uma data definida para se casar, estou certo?

Está! — Respondeu Nastassja.

O garçom tinha trazido uma bandeja de borscht, eles estavam no Metropol Restaurant.

— Vou lhe contar uma coisa que somente o Dr. Boris e eu sabemos... — É o seguinte: há seis meses fizemos um diagnóstico completo de meu

filho, Nikolai, através da nossa própria clínica, foi concluído que ele sofria de uma leucemia mieloide. Desde então, nós estamos nos apressando cada vez mais para comparar sua medula óssea com as existentes no banco de dados, porém essa procura veio se tornando uma incansável busca. — Miloslav fez uma pausa e olhou para um canto vazio, sacudindo a cabeça num sentido inconformado. — Nós escondemos isso dele, sei que agimos mal, mas não queríamos alarmá-lo e tínhamos a esperança de que as novas drogas em forma de vacinas viessem a surtir um resultado positivo.

— Mas não foi possível? É isso? — Perguntou Nastassja.

— Até certo ponto os diagnósticos foram excelentes, mas depois ela voltou a assombrá-lo e agora Nikolai infelizmente vai precisar submeter-se às seções de quimioterapia.

— É triste. — Disse a doutora em tom de lástima.

— Preciso da sua ajuda. — Disse ele.

— E o que devo fazer Dr. Sidorov?

— Quero que você conte tudo a ele!

— Como?

— Depois te explico, porque antes preciso perguntar uma coisa: por acaso você já ouviu falar do livro da morte?

— Nunca. Mas ele existe?

— Sim, há alguns meses atrás uma informação sigilosa chegou a mim através de uma fonte desconhecida. — Miloslav abriu uma pasta e lhe entregou uma carta. — O destinatário é invisível,

mas a informação parece autêntica.

A jovem oncologista leu o título: “*A cura por trás da morte*”.

— O que você sugere que isso possa ser?

— Penso que existe alguma descoberta da ciência que pode estar escondida em qualquer lugar, nas supostas páginas em forma de criptografia. E sei que meu filho é capaz de encontrá-la e também de decodificá-la.

— E onde eu entro nesse jogo? — Quis saber ela.

— Quero que você fique por vinte quatro horas ao lado dele de modo que não o deixe ingerir bebidas alcoólicas.

— Quantos anos ele tem?

— Vinte e quatro. Ele vive em Londres.

— Tudo bem, aceito o trabalho! Mas... Você acredita que seu filho vai procurar por este livro? Sabemos como os jovens dessa nova geração são céticos.

— Sem dúvida. — Afirmou ele. — O livro se encontra em Machu Picchu, no Peru. Agora vou te explicar tudo que você deve fazer na Inglaterra.

Capítulo quatro

Nikolai tocou na mão dela no banco de trás do Aurus Senat. O veículo era tão confortável que fazia lembrar um pedaço de uma suíte presidencial.

— Gosto de você! — Disse ele.

— É sério? — Perguntou a jovem doutora.

— De verdade!

— Pensei que seria um incômodo para você ter que ficar vinte e quatro horas do meu lado?

— Ainda é.

— E por que diz isso?

— Por você ser bonita, talvez isso se torne inquietante.

Nastassja sorriu.

— E o que tanto gosta em mim?

— Sua voz, seu sorriso, seu cheiro... E seus lábios. Posso te beijar para ter mais certeza?

— Claro que não! Não vê que eu estou noiva.

— Desculpe.

Ela estava levando Sidorov a uma clínica para fazer a primeira seção de quimioterapia. Era nove e dezesseis da manhã. Num dia frio de quarta-feira, de tempo parcialmente nublado.

— Acha que eu tenho alguma chance? — Perguntou Nikolai com as mãos nas têmporas, o tom que usava era contrito.

— Sim, cinquenta por cento. — Disse ela. — Embora o quadro de sua doença esteja em fase

acelerada, por ser jovem é provável que haja uma reação positiva. Contudo, precisa fazer repousos e algumas dietas. Isso inclui nada de bebidas alcoólicas.

— Nem uma cervejinha? Ou uma dose de vodca?

— Não!

Naquele momento o celular de Nikolai vibrou. Era uma mensagem vinda do pai.

“Lamento por não poder estar aí com você agora, mas tenha fé em Deus e confie na doutora Goncharov, boa sorte!”

O chofer dobrou uma esquina e estacionou entre uma fila de ambulâncias. Niki e a jovem oncologista seguiram rumo ao balcão da recepção. Ela pegava na mão dele, porém de forma muito profissionalmente.

— Preencha a ficha completa com todos os seus dados. Disse a atendente desviando os olhos. Seu senso era de desprezo. Tinha os braços avantajados. O rosto na forma rechonchuda, pressionado por um par de óculos de armação quadrada. Os princípios de bigode também eram visíveis, bem como uma verruga na face direita.

Mas havia outras enfermeiras atraentes circundando pelas salas de recuperação, outras andando pelos corredores, muitas delas carregando bandejas de medicamentos. Cujos cabelos e rostos eram ocultados por máscaras e lenços.

Passaram por uma sala de tratamento. Uma pessoa soltou grito, seguido de uma série de palavrões.

A doutora Goncharov pediu para que Niki se sentasse na poltrona em posição confortável e preparou o frasco de soro em um dos ganchos.

— Vamos começar agora. — Disse ela por trás da máscara cirúrgica. Os olhos azuis o fitavam, eram os mais lindos que já tinha visto. A tal vidente também tinha.

Ele estava lá naquela manhã e aquela mulher de saia longa, numa cor azul, branca e vermelha. Com um véu na cabeça com o propósito de camuflar todo o seu semblante. Com o olhar sombrio. Com a voz sombria, como que distorcida por algum aparelho bucal.

...Nikolai Sidorov estava de volta lá. E essa mulher tinha agora na mão direita uma foice. E suas risadas eram em tom sarcástico e diabólicos ao mesmo tempo. A voz insultava-o dizendo:

— Você vai morrer. Morrer. Morrer...

A figura assombrosa se aproximou dele e golpeou-o profundamente no pescoço. Nikolai comprimiu os lábios para suportar a dor. A ceifeira se afastou alguns passos e virou-se de frente. Um brilho de luz azul celeste aureolou aquela silhueta, e no lugar da morte surgiu uma garota linda. De cabelos ruivos. Rosto oval. De traços sensíveis, cuja beleza invólucro em si, ostentava uma natureza nobre. Porém com um olhar impassível. Como se não desejasse estar ali. Como se ela não tivesse havido razão para estar.

Por mais que o campo florido de lírios se disponibilizasse de uma paisagem comovente e pacificadora, a sensação era desconfortante.

O jovem Nikolai só a conhecia por meio de fotos e vídeos. E seu pai nunca lhe contou toda a verdade. Mas a avó materna havia lhe explicado várias vezes sobre a fatalidade. Isso mesmo ela dizia fatalidade.

Após ter dado a luz ao pequeno Niki por meio de uma cesariana, Olga Slavantra fora para casa em condições seguras, mas depois acabou passando mal e tivera poucos dias de vida. Seu diagnóstico revelara no laudo, que ocorrera uma série de infecções em seus órgãos.

Em sua visão Nikolai estava muito próximo dela e corria para abraçá-la. Essa sensação, entretanto era diferente do que já tinha visto nos vídeos. Parecia real. Uma imagem em 3D. O jovem correu para ela.

— Mamãe.

— Sim sou eu. — A voz dela era angelical. O abraço era terno.

— Que bom que está aqui. Meu filho. Eu te amo demais, e nunca tencionei deixar você.

Quando finalmente Nikolai acordou deste sonho, o frasco ainda estava pendurado no gancho e as últimas gotas de soro desciam até sua veia como crianças num tobogã. A tela pendurada na parede era uma paisagem do monte Everest.

— Você dormiu por durante cinco horas. — Comentou sutilmente a bela Goncharov afagando os cabelos dele.

— Pensei que tivesse morrido, encontrei minha mãe, ela estava tão... Tão linda. — Disse ele. As lágrimas começaram a brotar em seus olhos

neste momento.

— Vai ficar tudo bem. — Nastassja o confortou. — Agora vamos sair daqui e comer alguma coisa. Está com muita fome?

— Faminto. — Admitiu Nikolai.

Capítulo cinco

Weber sorriu satisfeito. Ao pensar que Nastassja nem imaginava o que ainda viria pela frente. Herbert Weber estava ali como contratado para um exercer o único propósito. Prossegui-la persistentemente, e tudo porque muita gente estava já há anos atrás de uma informação ultra importante. Afinal, a humanidade também precisava de muitas informações. Precisava de se desintegrar do epicentro da causa do sofrimento.

Durante todos os séculos as diversidades de doenças devastaram o mundo e a medicina sempre careceu de devidos recursos que poderiam antecipar a tecnologia de diagnóstico e cura...

Diríamos “que as máquinas sempre deram um passo a frente”. Herbert Weber poderia um dia ter frisado isso em algumas de suas palestras. Talvez em algum momento de frustração. Mas ele ainda tinha esperança no avanço da ciência.

A OMS tinha o papel de promover companhias de saúde e saneamento pelo mundo afora. Dadas às circunstancias indevidas. Weber poderia até estar sendo desumano. Mas também precisava que fazer o lado oposto de trabalho.

O doutor Boris havia fechado um acordo milionário de forma secreta com o dono de um laboratório da África do Sul.

E o russo então viera a comentar com ele

sobre a existência de um livro, um livro bastante conhecido como “*O segredo do fundo dos segredos*”.

Um ano antes os dois homens se encontraram em um ambiente de bebidas, as mais caras e com as mentes mais brilhantes. O lugar se inspirava num centro de poder do sangue. Do tráfico de influências.

— Quanto de dinheiro sujo vai ganhar traindo Miloslav? — Perguntou Weber

O velho rechonchudo levou os dedos no queixo. A sua voz continha distopia.

— O sul africano Erik De Marco me ofereceu uma vasta fortuna para encontrar o livro. Simplesmente porque ele acredita na velha teoria da verdade oculta. De Marco sustenta a especulação de que talvez haja uma fórmula no lado avesso daquela trama.

— E você acredita em quê? — Adiantou Weber.

— Que se trata somente de uma remota descrição de espiritualidade, levando em conta as más condutas da humanidade. De modo que os percursores da entrada do reino celestial seriam os guardas armados com suas espadas também celestiais. Estes barram as almas dos condenados do mundo material, não somente os julgados pela justiça terrena, mais também os que morreram na prisão da consciência de si mesmo. — O velho Boris fez uma pirâmide. Os dedos se ostentavam grossos e longos, com os visíveis princípios de sardas brancas. O nariz era levemente inclinado, sem nada

de impotência sob dois olhos astutos.

O pouco que o agente Herbert sabia sobre ele é que velho ocupava um cargo majoritário numa recém-comprada indústria farmacêutica em Born. Entretanto, se ele tinha a intenção de vender a informação. Isso era uma novidade.

[...] Como estava dizendo. — O livro é espiritual. Mas... Quem sabe isso seja o caminho para começarmos a facultativamente de entender a razão das multvidas. As três fases dela: de tempo, de compensação e de regressão. Do nascimento, da morte e da suposta graça da eternidade, ou suposto mito da reencarnação. De qualquer modo vou lhe propor um trabalho que suponho não ser nada fácil.

— E onde eu entro nesse jogo? — Perguntou Herbert Weber tamborilando as pernas. Estava em choque.

Boris lhe dera um Marlboro e depois ascendeu outro para si, a fumaça pairava no ar.

— Tem muita gente procurando por este livro e somente eu sei onde ele está. — Disse o velho russo soltando uma nova onda de fumaça do cigarro no ar, H. Weber acendera também o dele.

— Se você sabe onde o livro está então porque não o pega pessoalmente?

— Porque alguém vai fazer isso por mim, uma mulher de extrema confiança de Miloslav. Uma oncologista com a mente brilhante. Você já ouviu falar na bela Nastassja Goncharov?

— Não.

— Seu trabalho é simplesmente colar nela.

Ganhar toda a confiança dela, e se for preciso até mesmo se case com ela. E mais... Ela é realmente muito bonita...

Então era isso, ele precisava arrancar as informações importantes da doutora Nastassja Goncharov. E tudo em tempo acelerado. Porém, ela agora tinha virado a babá do filhinho cancerígeno do patrão. Ela, que confessou meses antes estar apaixonada por ele, aceitara ser a sua noiva. As razões dissolviam parte desse entusiasmo de conto de fadas. Um longo e sofrido distanciamento. Obviamente um dessabor por parte dos sentimentos dela. O agente de campo precisava encontrar um jeito de se livrar deste peso nos ombros. Quando tudo acabasse, seu plano final era desaparecer sem deixar pistas. Teria que pensar em como fazer isso.

Herbert se serviu de uma dose de Johnnie Walker com gelo, depois pegou o celular e acionou o Watsapp de Alexander Raymond. Precisava aliviar a mente das condições do mundo oficial e extraoficial. Herbert Weber digitou para seu amigo íntimo.

— *Preciso te ver agora. Você está em casa?*

— *Sim.*

Uma jovem garçoneite baixa, com semblante coreano lhes trouxera uma bandeja com os dois sanduiches de pão, com bacon, queijo e presunto. Mas Nikolai hesitou em mordê-lo. Bebendo antes o suco de laranja. A doutora

colocou as mãos sobre as suas. Eram mágicas e adoráveis. Ela havia se inclinado à sua frente e com isso o decote descera por uns poucos centímetros. Desta forma, fora bem fácil ver o pedacinho de seu sutiã na cor pérola. Pensou na maravilha que seria aquelas mãos de médica acariciando seu tórax. Depois mais abaixo, até o seu órgão de progressão promissora. E assim, viria uma febre de um desejo eloquente quando aquelas mãos tentadoras guiasse o seu membro para a chama de sua intimidade.

A doutora Goncharov estava falando e ele exalou o pensamento promíscuo com um longo suspiro, toda via sem que suspeitasse de uma suposta ereção precoce.

— A leucemia acontece quando ocorre uma deficiência desencadeada nos globos brancos ou nos leucócitos se preferir assim defini-los. São as magníficas células produzidas da medula óssea. E que tem como compromisso suprir todas as proteínas que possam vir a ser favoráveis para o organismo. Se focarmos nisso como uma simples razão de persuasão, seria como imaginar alguém derrubando as quatro paredes que sustentam a nossa casa. Com um telhado insustentável vindo abaixo. Então o que acontece nesse termo? Assim que as células leucêmicas se alastram em progressão pelo sangue elas desestabilizam o funcionamento das células normais da medula óssea. Que por fim comprometem a reação dos globos vermelhos. Por isso o paciente tem que repousar e tomar todos os cuidados especiais. Uma